

Do Funchal ao Vale de Orotava – Paisagens Insulares do Turismo Terapêutico

Rui Campos Matos

RESUMO: Do início do século XIX ao eclodir da Primeira Guerra Mundial – período a que, nos arquipélagos da Madeira e das Canárias, se convencionou chamar de *turismo terapêutico* – floresceram, na encosta do Funchal e no Vale de Orotava, duas das mais singulares paisagens humanizadas da macaronésia. Da sua natureza física, não restam hoje senão testemunhos esparsos, pelo que, só através do olhar dos viajantes que nesse período frequentaram as ilhas é possível tentar decifrá-las: são as paisagens do turismo terapêutico, aqui caracterizadas não apenas como representações pictóricas ou literárias, mas também como o complexo resultado da acção que sobre elas tiveram estes viajantes.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo terapêutico, Paisagem, Madeira, Ilhas Canárias.

ABSTRACT: From the beginning of the nineteenth century to the outbreak of the First World War – a period which, in the Madeira and the Canary Islands, was to be known as *therapeutic tourism* – two of the most uniquely humanized landscapes of Macaronesia flourished on the slopes of Funchal and the Orotava Valley. Today only sparse evidence remains of their physical nature, so that any attempt to interpret them can only be made from the viewpoint of the travellers who visited the islands during this period: they are the landscapes of therapeutic tourism, characterized here, not only as pictorial or literary representations, but also as the complex result of the action exerted upon them by these travellers.

KEYWORDS: Therapeutic tourism; landscape; Madeira; Canary Islands.

He who is alive to the charms of nature finds in this delicious island remedies still more potent than the climate. No abode appeared to me more fitted to dissipate melancholy, and restore peace to the perturbed mind, than that of Teneriffe or Madeira.

Alexander von Humboldt, in *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent*

Sob o signo de Humboldt

Situadas na rota atlântica que ligava a Europa do Norte às chamadas Índias Ocidentais e Orientais, as ilhas da Madeira e do Tenerife foram, desde o século XVII, ponto de passagem ou estadia de inúmeros viajantes europeus. Do relato de viagem à obra de natureza científica, sobre elas se produziu uma abundante literatura que, louvando a sua natureza edénica e a amenidade do clima, as viria a promover como estâncias de cura para as doenças pulmonares. A encosta do Funchal, na Madeira (fig. 1), e o vale de Orotava, no Tenerife (fig. 2) – duas das mais singulares paisagens humanizadas da macaronésia – foram os lugares que acolheram os primeiro fluxos "turísticos", constituídos pelos enfermos que, do Norte da Europa, se deslocavam em cura de ares para os sub-tropicos. A esse período de génese do turismo insular – todo o séc. XIX e os primeiros catorze anos do séc. XX – convencionou chamar-se "turismo terapêutico".



Fig. 1 *Funchal Looking Eastward* (1880), autor desconhecido (col. ARM).



Fig. 2 Tenerife, Valle de la Orotava (1890-95), Rodrigo de la Puerta y Vila (col. FEDAC).

O início deste período coincide com a longa viagem de exploração à América Latina (1799-1804) realizada por Alexander von Humboldt – figura seminal da geografia física e da bio-geografia, cujo pensamento marcou profundamente todo o século XIX. A caminho do continente americano, o explorador começou por visitar a ilha do Tenerife, onde se demorou alguns dias para escalar o Teide. Na extensa obra onde registou os resultados da sua expedição¹ fez algumas referências aos dois arquipélagos atlânticos:

Every traveller who writes the narrative of his adventures, begins by a description of Madeira and Teneriffe; and if in the natural history of these islands there yet remains as it were, an immense field untrod, we must admit, that the topography of the little towns of Funchal, Santa Cruz, Laguna, and Orotava, leaves scarcely anything untold².

O interesse desta passagem não reside na referência às duas ilhas - Madeira e Tenerife eram, frequentemente, objecto de estudo comparado pelos naturalistas da época – mas sim na forma como o autor parece querer diferenciar dois campos de

¹ (HUMBOLDT & BONPLAND, 1822)

² (HUMBOLDT & BONPLAND, 1822: 119-120)

interesse distintos: por um lado, o mundo natural – «*the natural history of these islands*» – e, por outro, a topografia das suas pequenas cidades, sobre as quais já tudo teria sido dito. Na visão holística que Humboldt cultivava, porém, tanto o mundo natural, como aquele que o homem habitava e transformava, faziam parte de um todo inseparável. Isto é, tanto o mundo natural como as cidades que o povoavam não só participavam da paisagem, como contribuía para a sua singularidade.

Ora um dos aspectos mais interessantes do pensamento humboldtiano prende-se, exactamente, com o conceito de paisagem. Para Humboldt, só através da paisagem – descrita ou desenhada – a natureza, tornando-se esteticamente presente, podia ser compreendida pelo homem³. Uma paisagem caracterizar-se-ia pela beleza das composições e das formas que, no seu conjunto, revelariam a impressão global de uma região, o seu carácter individual, a insubstituível singularidade de cada lugar. Referindo-se à costa oeste da ilha do Tenerife, Humboldt louvou-lhe a variedade e «a harmoniosa distribuição das massas de verdura e formações rochosas⁴». Tratava-se de um conceito fisionómico de paisagem em que o subjectivo e o estético tomavam parte. Nas suas descrições, onde se consumava – como escreveu Darwin – uma «rara união entre poesia e ciência⁵», estavam presentes as emoções que a natureza contemplada lhe evocava.

Na boa tradição humboldtiana, a estas emoções não ficariam imunes os homens de ciência que se deslocaram às ilhas ao longo de todo o século XIX. Referindo-se a Bowdich – um naturalista do círculo de Humboldt que estudou a geologia e a fauna da Madeira – Robert Wilde – o pai de Oscar Wilde, ele próprio um prestigiado médico irlandês – define-o como «*one of the most talented and interesting of modern travellers, and who has so graphically and at the same time so scientifically, described the scenery, botany, and geology of this garden of the Hesperides*⁶». Na verdade, tanto um como o outro, nas suas vigorosas e ilustrativas descrições, não se coíberam de convocar a poesia para revelar o singular carácter das paisagens da Madeira ou do Tenerife⁷.

Não menos revelador da ambiguidade deste olhar, em que arte e ciência, emoção e razão, se enlaçavam, é a curiosa observação de Olivia Stone, a autora do mais influente guia oitocentista do arquipélago canário, sobre o Vale de Orotava:

We had one pleasure derived from knowledge, and therefore appealing to the reason, not the senses, that made us contemplate El Valle with satisfaction. It is considered by all authorities – English, French, German,

³ Cf.: (RITTER, 2011: 108-109)

⁴ (HUMBOLDT, 1814: 112)

⁵ (DARWIN, 1986: 37-8)

⁶ (WILDE, 1840: 74)

⁷ Cf.: (BOWDIC, 1825: 66) ; (WILDE, 1840: 105-106)

*Swedish, and Spanish – to be without exception the healthiest place on the face of the globe*⁸.

Reconhecendo que a satisfação - a emoção... - com que contemplava o vale resultava de tudo quanto sobre ele tinha aprendido nos relatórios de climatologia médica, era com este olhar ambíguo, entre *sense and sensibility*, que a autora, e muitos outros viajantes, escrutinavam a paisagem insular.

No século XIX – um século em que o mundo natural se iria tornando progressivamente objecto exclusivo do saber científico – esta perspectiva, normalmente associada ao romantismo alemão e à influência de Goethe⁹ – continuaria a ser a prevalecente entre os viajantes cultos que aportaram às ilhas. Estava-se longe, ainda, do divórcio entre «poesia e ciência» que se iria operar a partir de meados do século seguinte – um século em que a paisagem viria a ser encarada como ambiente ou ecossistema – um conjunto de fenómenos biológicos e físicos do domínio das ciências da terra e da vida. A própria Geografia – que nos textos fundadores de Humbolt tinha por objecto, nada mais, nada menos, que a desmesura do cosmos – iria estilhaçar-se em subdisciplinas cuja especialização fragmentaria um campo de saber que nascera sob o signo de Gaia, mãe da Terra, do Universo e dos Gigantes...

Não cabe aqui discutir a pertinência e actualidade do ponto de vista humboltiano face a outras concepções, putativamente libertas de valores subjectivos, das quais as disciplinas que abordam o tema da paisagem se aproximaram no século passado. Constata-se, apenas, que foi esse o ponto de vista adoptado por naturalistas, médicos, autores de relatos de viagens, de guias ou de registos desenhados que frequentaram as ilhas neste período. Foi a partir desse lugar ambíguo, em que arte e ciência, emoção e razão, subjectividade e objectividade se enlaçam, que o olhar destes viajantes tentou desbravar as paisagens insulares. Hoje, num tempo em que se volta a falar da «identidade estética dos lugares¹⁰», e em que não se tem mais receio de declarar a beleza e a singularidade de uma paisagem como valores a defender, o modelo interpretativo de Humboldt parece querer retomar actualidade.

⁸ (STONE, 1889: pp. 37-38)

⁹ (ERICKSON *et al.*, 2004: xvi)

¹⁰ (D'ANGELO, 2012: 340)

Paisagens míticas

O território de fixação preferencial do turismo terapêutico circunscreveu-se fundamentalmente a dois espaços que comungavam de algumas afinidades fisionómicas: o anfiteatro do Funchal, na Madeira e o Vale de Orotava, na ilha do Tenerife. Na verdade, tanto Las Palmas de Grã Canária como Santa Cruz do Tenerife – as outras duas cidades do arquipélago canário que, durante este período da sua história, foram estâncias terapêuticas - não integravam o mesmo tipo de paisagem, isto é, não faziam parte do quadro edénico de um território fértil e humanizado – um *locus amoenus*. Os esparsos palmares que as povoavam faziam delas, quanto muito, pequenos oásis num território árido e agreste (fig. 3) «*At last we learned – exclamava Burton, acabado de chegar ao Vale de Orotava – why the Elysian Fields, the Fortunate Islands, the Garden of the Hesperides [...] where Night bore the guardians of the golden apples - were such favourites with the poet.*¹¹».

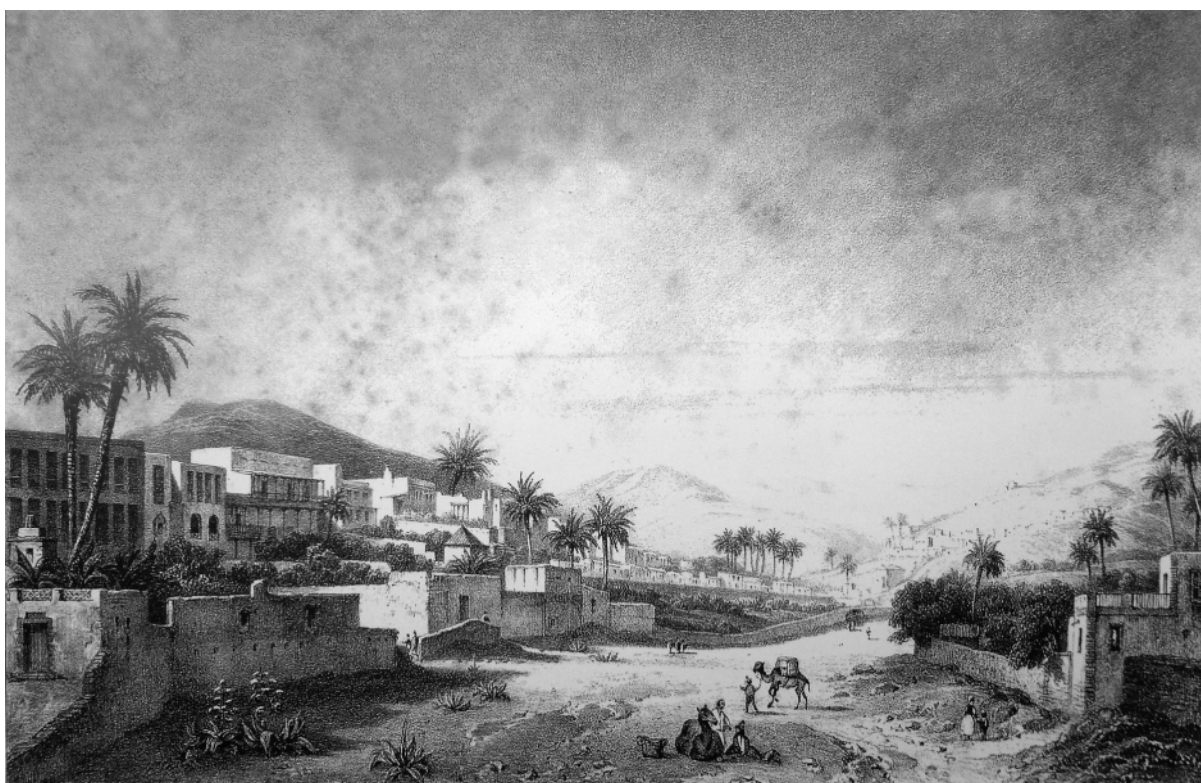


Fig. 3 *Vue de la Capitale de la Grande Canarie*, J. J. Williams (in: Philip Barker Webb et al., *Histoire naturelle des Iles Canaries*, Paris : Béthune, éditeur, 1836).

Esta referência aos mitos da Antiguidade Clássica – Campos Elísios, Ilhas Afortunadas, Jardim das Hespérides – que era recorrente na maioria das narrativas destes viajantes, remetia sempre para o mito matricial da Idade de Ouro – idade de paz,

¹¹ (BURTON & CAMERON, 1883: 139)

ausência de dor, fertilidade, espontânea riqueza de cultivos, clima ameno.¹² Foi nas ilhas da eterna felicidade e da harmonia que a paisagem do turismo terapêutico encontrou o seu fundamento mítico, razão pela qual ela não podia senão materializar-se nos territórios férteis e humanizados do anfiteatro do Funchal e do Vale de Orotava. No imaginário do tísico, mergulhado no sombrio nevoeiro das metrópoles industriais do Norte da Europa, a evocação do mito das Ilhas Afortunadas, difundido pelos relatos daqueles que as aportavam, exercia um poderoso fascínio. O próprio discurso da climatologia médica, sustentado por copiosas tabelas meteorológicas e vagas estatísticas de cura, não o excluía, pelo contrário, evocava-o também – como se evocasse um poder nómico que, por artes mágicas, pudesse participar no processo de cura do enfermo.

Paisagens felizes e floridas em que as quintas de aluguer – sobretudo na Madeira – com os seus jardins exuberantes e ecléticos, desempenharam um papel fulcral (fig. 4). Ainda hoje, a sua arquitectura anónima, na relação que tece com a paisagem, no modo como se enraíza no solo da ilha, desse solo extraíndo a matéria que a constitui, parece querer evocar um outro mito que povoou o imaginário destes viajantes: o mito da árvore tutelar – a árvore que o lendário Machim, o herói fundador, habitou na floresta primordial e paradisíaca da ilha¹³. Como constatou Agustina Bessa-Luís, «Madeira tem um significado materno, portanto curativo¹⁴», não foi – escreveu a escritora – a amenidade do clima, com os seus ventos temperados, que fez da Madeira, durante o séc. XIX, uma reconhecida estância de cura para a tuberculose. Foi, sim, a alusão ao factor da árvore e ao seu prestígio tutelar e protector. Madeira, matéria, mater, mãe – na raiz etimológica da palavra madeira, parece, de facto, estar inscrita a palavra mãe.



Fig. 4 *From Funchal in Madeira* (1854), Johan Fredrik Eckersberg (col. Nasjonalmuseet, Oslo)

¹² Cf.: (MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, 2006)

¹³ Sobre a lenda de Machim cf.: (LIVRAMENTO, 2011)

¹⁴ (BESSA-LUÍS, 1987: 34)

Cidade e paisagem

A industrialização foi, nas ilhas, um fenómeno tardio e de expressão muito limitada, razão pela qual nenhuma das suas pequenas urbes, neste período, atingiria a escala das metrópoles industriais europeias. A partir de meados do século XIX, o Funchal, na ilha da Madeira e o Porto da Cruz, na ilha do Tenerife, as duas cidades insulares que integravam territórios férteis e intensamente agricultados – aqueles onde o turismo terapêutico teve sempre maior expressão – começaram a expandir-se de forma espontânea, ao longo de novas vias ou de antigos caminhos vicinais. E, se é certo – como se verificou no Funchal – que a nitidez do corte que a muralha estabelecia entre a cidade e o campo se viria a perder ao longo do século XIX, não se perderia nunca a imagem da cidade como entidade autónoma e confinante com a paisagem.

Dir-se-ia, pois, que, no quadro insular, as cidades do turismo terapêutico fizeram sempre parte da paisagem, nunca chegando a constituir-se a si próprias como paisagem, isto é, «cidades a perder de vista»: o Funchal foi um elemento na paisagem do fértil anfiteatro onde se inseria, como Porto da Cruz o foi na vasta moldura do Vale de Orotava. Ainda hoje, falar na «paisagem do Funchal» ou na «paisagem de Porto da Cruz» remete para o horizonte das suas periferias semirurais. Do ponto de vista da climatologia médica oitocentista, a pequenez destas urbes era, aliás, uma virtude. Na proximidade do campo e da natureza, residia, em grande medida, o seu potencial terapêutico – nem poderia ser de outra forma: como lugares de cura, as pequenas cidades sanatoriais tinham de ser o reverso da «cidade paisagem», a interminável metrópole industrial, poluída e saturada de miasmas.

O Funchal, uma cidade de quintas

A tipologia urbana predominante na periferia do Funchal era, por excelência, a que melhor se coadunava com o turismo terapêutico: edifícios isolados em lotes-jardim cujas frentes confrontavam com estradas e caminhos. Uma cidade porosa e arejada em que o jardim, para além de funcionar como dispositivo para o tratamento de ar livre, garantia também que todos os compartimentos do edifício, à semelhança dos alvéolos de um pulmão saudável, fossem adequadamente ventilados. Nesta periferia semi-rural, os *invalids*¹⁵ estavam a salvo dos miasmas que grassavam na urbe compacta de intramuros e, sobretudo, bem distantes das atmosferas poluídas das metrópoles industriais do norte da Europa de onde provinham. Pode dizer-se, portanto, que a «espontaneidade» desta nova cidade, que ia crescendo sem *plano de ensanche*, não era

¹⁵ Termo pelo qual eram designados os tuberculosos nos guias, narrativas ou literatura clínica da época.

senão aparente. Na verdade, ela respondia com eficácia às exigências de um paradigma clínico cujas regras os médicos proclamavam.

Estendendo-se quer ao longo da linha de costa, quer para norte, ao longo de uma rede de íngremes caminhos de festo, esta paisagem, que Orlando Ribeiro¹⁶ descreveu na década de 30 do século passado, não diferia muito da que se apresentava aos olhos do viajante oitocentista¹⁷ – o Funchal foi uma cidade cujo crescimento, em vez de destruir o campo, arrastou consigo o desenvolvimento das regiões rurais circundantes¹⁸. Já no primeiro quartel do século XIX, eram estas casas e os seus jardins, por entre «poios¹⁹» agricultados, o que mais impressionava aqueles que a contemplavam da amurada do navio²⁰. Era a cidade das quintas – ainda viva na década de 50 do século XX – que Maria Lamas descreveu quando esteve exilada na Madeira: «Hoje, sem exagero, o Funchal é uma cidade de quintas! Fora do centro e dos bairros chegados à beira-mar, as ruas correm, algumas inteiramente, por entre os seus muros²¹».

Esta periferia habitada e fértil das quintas de aluguer fez do Funchal, durante mais de um século, a estância terapêutica de eleição no Atlântico norte. Nas Canárias, Santa Cruz do Tenerife e de Las Palmas emergiam de uma envolvente estéril, agreste e desabitada. Estas cidades não geraram uma periferia de quintas harmoniosamente fundidas com o campo e os seus cultivos; o crescimento por *ensanches* deu origem, na maioria dos casos, a quarteirões compactos, em que a cidade jardim, fosse ela de carácter formal ou informal, foi sempre a excepção. Para encontrar algo de semelhante à arejada paisagem do anfiteatro que envolvia a capital madeirense, teria sido necessário demandar Porto da Cruz, no litoral norte da ilha do Tenerife. Na periferia desta pequena vila, espriava-se o sumptuoso e fértil vale de La Orotava, varrido pela humidade dos Alísios e integrado numa paisagem cuja beleza Humboldt louvara em finais do século XVIII²².

Porto da Cruz e o Vale de Orotava

À semelhança do que aconteceu na periferia do Funchal, no século XIX, o crescimento arrabaldino de Porto da Cruz foi espontâneo, em «árvores de caminhos», cujos troncos principais ligavam o centro da cidade e o coração produtivo do vale à capital da ilha, Santa Cruz, onde se tinha concentrado toda a actividade portuária. Este crescimento atingiu o seu auge entre os anos de 1887 a 1900, depois de superada a crise

¹⁶ (RIBEIRO, 1985)

¹⁷ (WILDE, 1840: 57)

¹⁸ (RIBEIRO, 1985:113)

¹⁹ Forma como são designados na Madeira os socalcos agrícolas.

²⁰ (HOPKINS, 1819:15)

²¹ (LAMAS, 1956: 305)

²² (GONZÁLEZ LEMUS, 1995: 134)

da cochonilha²³ – uma cultura cuja exploração tinha sustentado proprietários e agricultores até então – e pode atribuir-se, em grande medida, ao desenvolvimento do turismo terapêutico que a partir de 1880 começou a ter um peso apreciável na economia local²⁴.

Foi neste período, com efeito, que começaram a surgir os primeiros hotéis em Porto da Cruz, instalando-se em edifícios situados na periferia próxima da cidade. Em 1890, inaugurava na Montanha de Taoro – num cume sobranceiro à cidade – o *Hotel Balcón* (ou Taoro), a primeira construção de raiz com um programa hoteleiro. A sua desmesura – a unidade tinha cerca de 200 quartos²⁵, o que correspondia, à época, a quase 3/4 da oferta hoteleira do município – acabou por transformá-lo num pólo de atracção não só dos *invalids* em cura de ares, como da própria colónia britânica então residente no vale de Orotava. Nas suas imediações, viriam a aparecer os primeiros equipamentos da estância terapêutica – cuja frequência, à semelhança do que sucedia no Funchal, era maioritariamente britânica – e grande parte das casas para alugar à estação²⁶ – aqui designadas como quintas de aluguer.

Tal como na capital madeirense, também aqui a tipologia urbana dominante era a que melhor se coadunava com o turismo terapêutico: edifícios isolados em lotes-jardim cujas frentes confrontavam com os arruamentos. Uma periferia semi-rural, porosa e arejada, que cresceu sem *plano de ensanche*, e em que o jardim desempenhava um papel central. Existiam, portanto, grandes similitudes entre a estância espanhola e a portuguesa – a começar, desde logo, pelas características da paisagem humanizada. Todavia, é necessário ter em atenção que, na Madeira, as quintas de aluguer marcaram presença desde inícios do século XIX. No Tenerife, só nas últimas décadas do século, com o crescimento abrupto do turismo terapêutico, se assistiu à sua difusão, a uma escala que não atingiria nunca a expressão que teve no Funchal.

O que é paisagem do turismo terapêutico?

Narrada, pintada ou fotografada, a paisagem não existe sem a presença do homem - de um observador que a identifica ou que a celebra. Para Ritter, paisagem é «natureza que se torna esteticamente presente no olhar de um contemplador sensível e sentimental²⁷», e Turri, ao comparar a paisagem a um teatro onde o homem, com a sua acção transformadora, é o principal actor, não deixa de sublinhar que, só ao «fazer-se

²³ (BARROSO HERNÁNDEZ, 1997: 209)

²⁴ (BARROSO HERNÁNDEZ, 1997: 194)

²⁵ (HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, 2009: 173)

²⁶ Cf.: (GONZÁLEZ LEMUS, 1995: 412)

²⁷ (RITTER, 2011: 105)

espectador», este «pode encontrar a medida do seu agir²⁸». Ora, para perceber uma paisagem, este espectador precisa de distanciamento. Um distanciamento que só a cultura proporciona. A paisagem é uma invenção de cidadãos. Falta, ao camponês, «a dimensão estética, que se mede [...] pela distância do olhar, indispensável para a percepção e o deleite paisagísticos. O camponês é o homem da terra, não o da paisagem²⁹».

Deste ponto de vista, a paisagem do turismo terapêutico pode ser considerada, em primeiro lugar, como a representação pictórica ou literária que dela fizeram os viajantes que, neste período histórico, frequentaram as ilhas. Da sua natureza física não restam hoje senão alguns testemunhos esparsos, pelo que, é necessário decifrá-la através do olhar de enfermos, naturalistas, exploradores ou viajantes ociosos – os mais directos antepassados dos turistas. É o olhar de uma elite cidadina e culta, a qual, na grande maioria dos casos, convivera de perto com a tragédia ambiental das grandes metrópoles norte-europeias, e que, não raras vezes, sofrera na pele – ou, melhor dizendo: nos pulmões... – as consequências dessa tragédia. Nas estâncias subtropicais, onde à amenidade do clima e à intensidade da luz se somavam os aromas dos frutos exóticos e a inquietante presença dos vulcões, esse olhar vagamente humboldtiano – que oscilou sempre entre a curiosidade científica e a divagação poética – vai debruçar-se sobre a paisagem pré-industrial das ilhas: um campo onde a máquina não entrara e uma cidade onde não se viam nem *slums*, nem o fumo das fábricas.

Mas se a paisagem é, não só o pano de fundo da acção humana, mas também o lugar moldado pelos reflexos dessa acção, isto é, o «interface entre o fazer e o ver aquilo que se faz³⁰», então há que questionar em que medida esse território pré-industrial não terá sofrido, ele próprio, os efeitos da acção que sobre ele exerceram estes viajantes. Terá o turismo terapêutico dado origem a uma paisagem? Na verdade, a fisionomia dos locais onde os *invalids* se fixaram – as pequenas cidades insulares e as suas periferias rurais – já existia muito antes da sua chegada. Ela fora obra de muitas gerações de povoadores-agricultores, de uma sociedade de cariz marcadamente rural que, desde o segundo quartel do século XV, foi transpondo para as ilhas os saberes milenares das regiões donde provinha, adaptando-os ao meio e ensaiando novas soluções.

Por outro lado, constata-se que, sobretudo a partir de meados do século XIX, a presença destes *invalids* em quintas de aluguer, hotéis e sanatórios – as três tipologias arquitectónicas do turismo terapêutico – quer no centro destas pequenas cidades, quer nas suas periferias, irá contribuir não só para sustentar esta paisagem, como para lhe imprimir um novo carácter, até então ausente. É a dimensão contemplativa e

²⁸ (TURRI, 2011: 174)

²⁹ (ROGER, 2011: 164)

³⁰ (TURRI, 2011: 174)

melancólica do olhar destes viajantes e *invalids*, o seu distanciamento citadino e culto, que irá vulgarizar nas ilhas o interesse pelo jardim ornamental e curativo, bem como por alguns dispositivos arquitectónicos que lhe estão associados. Estes serviam não só para fins terapêuticos – o exercício da cura de ares – como para o desfrute dessa mesma paisagem: as varandas de repouso colectivo dos hotéis, os miradouros e as *casas de prazer ou de fresco*.

Nas quintas de aluguer – uma das tipologias que mais profundamente marcou esta paisagem – o jardim desempenhava um papel primordial. Era nele que o doente pulmonar fazia o tratamento de ar livre que a medicina da época prescrevia para a tísica. Tratamento que se aplicava a um quadro de sintomas bastante difuso, que podia ir da tuberculose a vagos estados de melancolia. A cura de ares era também uma cura de paixões. Na relação que a casa tecia com o jardim – e, num sentido mais lato, com a paisagem – ressoava esse quadro difuso em que sintomas e sentimentos se confundiam. Na quinta de aluguer oitocentista, o jardim era tanto um dispositivo de tratamento quanto manifestação da alma romântica. A várias altitudes, tirando partido dos graus de humidade e temperatura variável das encostas, floresceu uma subtil topografia de cura, cujas virtudes os médicos julgavam conhecer e os doentes que sobreviviam proclamavam.

A paisagem do turismo terapêutico não se resume, portanto, ao modo como estes viajantes apreenderam o território da ilha, mas é também o resultado da sua interacção com esse território. Não foram os viajantes os construtores desta paisagem, mas a presença que nela tiveram, ao longo de todo o século XIX e dos primeiros anos do século XX, contribuiu decisivamente para a sua sustentação. A arquitectura do turismo terapêutico foi a marca que nela imprimiram, conferindo-lhe um novo carácter. Como escreveu Agustina Bessa Luís, a doença pulmonar, no século XIX, «efectuou um verdadeiro registo da identidade madeirense³¹». Dito por outras palavras: foram os *invalids* que revelaram estas ilhas ao mundo e, ao fazê-lo, fixaram a sua identidade.

No último meio século, com o advento do turismo de massas – que começou por se fixar nos locais onde o turismo terapêutico florescera – o Funchal e o Porto da Cruz cresceram, ocupando densamente as suas envolventes semirurais; nasceram as primeiras periferias hoteleiras e, por vezes, no coração da antiga cidade consolidada, construíram-se em altura novos hotéis. Este modelo de crescimento alterou profundamente a fisionomia das ilhas e das suas paisagens, acabando por ameaçar a sua própria identidade. Hoje, recrudescer o interesse pela paisagem do turismo terapêutico e por um tempo em que as ilhas acolheram os primeiros fluxos turísticos

³¹ (BESSA-LUÍS, 1987: 34)

sem alterar o frágil equilíbrio entre as características naturais do seu território e a actividade humana que nele se exercia.

Bibliografia

- BARROSO HERNÁNDEZ, Nicolás D. (1997) – *Puerto de la Cruz, la formación de una ciudad*. Puerto de la Cruz: Área de Cultura del Organismo Autónomo Local del Excmo. Ayto. de Puerto de la Cruz.
- BESSA-LUÍS, Agustina (1987) – *A Corte do Norte*. Lisboa: Guimarães Editores.
- BOWDICH, Thomas Edward (1825) – *Excursions in Madeira and Porto Santo: during the autumn of 1823, while on his third voyage to Africa*. G.B. Whittaker.
- BURTON, Richard Francis; CAMERON, Verney Lovett (1883) – *To The Gold Coast for Gold, Vol. I A Personal Narrative*. London: Chatto & Windus, Piccadilly.
- DARWIN, Charles (1986). *Diary of the Voyage of H.M.S. Beagle*. In BARRET, Paul H.; FREEMAN, R. B., coord. – *The works of Charles Darwin*. London: Pickering and Chatto, 29 vols.
- D'ANGELO, Paolo (2012) – *Repensar a Paisagem*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo, coord. – *Filosofia e arquitectura da paisagem: um manual*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 333-347.
- ERICKSON, Raymond; SCHWARTZ, Brian; FONT, Mauricio A. (2004) – *Alexander von Humboldt From the Americas to the Cosmos* (Vols. 1-I, Vol. I). New York: Bildner Center for Western Hemisphere Studies. Disponível em <<http://web.gc.cuny.edu/dept/bildn/publications/humboldt.pdf>>. [Consulta realizada em 11/10/2012].
- GONZÁLEZ LEMUS, Nicolás (1995) – *Las Islas de la Ilusion: Británicos en Tenerife, 1850-1900* (1. ed.). Las Palmas de Gran Canaria: Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria.
- HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, A. Sebastián (2009) – *De la Quinta Roja al Hotel Taoro*. Santa Cruz de Tenerife; Las Palmas de Gran Canaria: Idea.
- HOPKINS, F. S. (1819) – *An Historical Sketch of the Island of Madeira: Containing an Account of Its Original Discovery and First Colonization; Present Produce; State of Society and Commerce. Embellished with a Coloured View of the Island*. London: F.S. Hopkins.
- HUMBOLDT, Alexander von (1814) – *Voyage aux Regions Equinoxiales du Nouveau Continent*. Paris: F. Schoell, 4 vols.
- HUMBOLDT, Alexander Von; BONPLAND, Aimé De (1822) – *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent During the Years 1799-1804*. Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.

- LAMAS, Maria (1956) – *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica*. Funchal: Eco do Funchal.
- LIVRAMENTO, Marco Nuno De Sousa (2011) – *Machim, um Herói Fundador. Algumas Notas sobre o Tratamento da Lenda de Machim ao Longo dos Tempos*. Funchal: DRAC.
- MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, Marcos (2006) – *Las Islas Afortunadas en la Edad media*. «Cuadernos del CEMYR», vol. 14, p. 55-78.
- RIBEIRO, Orlando (1985) – *A ilha da Madeira até meados do século XX estudo geográfico*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua portuguesa.
- RITTER, Joachim (2011) – *Paisagem. Sobre a função do estético na sociedade moderna*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo, coord. – *Filosofia e arquitectura da paisagem: um manual*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 95-123.
- ROGER, Alain (2011) – *Natureza e Cultura*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo, coord. – *Filosofia e arquitectura da paisagem: um manual*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 152-167.
- STONE, Olivia M. (1889) – *Tenerife and its six satellites; or, The Canary Islands past and present*. London: London, New York [etc.] M. Ward & co., limited, 2 vols.
- TURRI, Eugenio (2011) – *A Paisagem como Teatro*. In SERRÃO, Adriana Veríssimo, coord. – *Filosofia e arquitectura da paisagem: um manual*. Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 168-185.
- WILDE, William R. (1840) – *Narrative of a Voyage to Madeira, Teneriffe and Along the Shores of the Mediterranean*. London: Curry.

Siglas

FEDAC - Fundación para la Etnografía y el Desarrollo de la Artesanía Canaria

ARM - Arquivo Regional da Madeira